

Análise qualitativa por articulação teoria-prática

Qualitative analysis through theory-practice articulation

Elias Bezerra de Souza¹

Resumo

Este artigo apresenta e sistematiza uma proposta de análise qualitativa por meio da confrontação entre teoria e prática, pensada especialmente para estudantes do Ensino Médio envolvidos em Projetos de Conclusão de Curso Técnico, Iniciação Científica Júnior, feiras escolares, trabalhos integradores e relatórios temáticos. O objetivo é oferecer uma estrutura prática, acessível e cientificamente coerente de análise qualitativa, articulando dados empíricos e aportes teóricos sem reduzir a interpretação à simples confirmação de conceitos previamente estabelecidos. Trata-se de uma proposta teórico-metodológica fundamentada em contribuições da análise de conteúdo, da pesquisa qualitativa e das perspectivas dialógicas e hermenêuticas de autores como Laurence Bardin, Maria Cecília Minayo, Paulo Freire, Lev Vigotski, Hans-Georg Gadamer e Mary Jane Spink. O texto distingue duas possibilidades de relação entre teoria e empiria: o cruzamento, de caráter comparativo e analítico-validante, e o diálogo, de caráter interativo, interpretativo e aberto à emergência de sentidos. A técnica é organizada em cinco etapas: leitura e compreensão do tema ou problema; coleta de dados empíricos; organização e categorização dos dados; confrontação entre dados e teoria; e síntese e redação dos resultados. Conclui-se que a proposta pode contribuir para a formação científica de estudantes ao favorecer interpretação, argumentação, pensamento crítico e produção autoral de conhecimento, articulando rigor metodológico, escuta dos dados e abertura à revisão das próprias interpretações.

Palavras-chave: análise qualitativa; teoria e prática; pesquisa científica; diálogo; educação básica.

¹ Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Campus Lábrea, Lábrea – Amazonas – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0855-4919>.

Abstract

This article presents and systematizes a proposal for qualitative analysis through theory-practice confrontation, designed especially for secondary school students involved in Technical Course Completion Projects, Junior Scientific Initiation, school fairs, integrative projects, and thematic reports. Its objective is to offer a practical, accessible, and scientifically coherent structure for qualitative analysis, articulating empirical data and theoretical contributions without reducing interpretation to the simple confirmation of previously established concepts. It is a theoretical methodological proposal grounded in contributions from content analysis, qualitative research, and the dialogical and hermeneutic perspectives of authors such as Laurence Bardin, Maria Cecília Minayo, Paulo Freire, Lev Vigotski, Hans-Georg Gadamer, and Mary Jane Spink. The text distinguishes two possible ways of relating theory and empiricism: crossing, with a comparative and analytical-validating character, and dialogue, with an interactive, interpretive, and open character regarding the emergence of meanings. The technique is organized into five stages: reading and understanding the theme or problem; empirical data collection; organization and categorization of data; confrontation between data and theory; and synthesis and writing of results. It concludes that the proposal can contribute to students' scientific education by fostering interpretation, argumentation, critical thinking, and authorial knowledge production, articulating methodological rigor, attentive listening to data, and openness to revising one's own interpretations.

Keywords: qualitative analysis; theory and practice; scientific research; dialogue; basic education.

1 Introdução

A pesquisa qualitativa, especialmente quando desenvolvida em contextos educativos, exige do pesquisador mais do que a reunião e a descrição de informações. Exige a capacidade de interpretar o que os dados dizem, relacioná-los aos referenciais teóricos mobilizados e reconhecer que a realidade investigada pode confirmar, contrariar, complementar ou deslocar aquilo que inicialmente se pensava sobre o fenômeno. Essa exigência se torna ainda mais significativa quando a pesquisa é realizada por estudantes do Ensino Médio, para os quais o exercício de análise representa simultaneamente uma atividade investigativa e uma experiência de formação científica.

É nesse contexto que se insere a proposta de análise qualitativa por articulação teoria prática. A técnica foi concebida como uma possibilidade de mediação entre o dado empírico e a teoria,

procurando oferecer ao estudante um caminho que não seja excessivamente abstrato, mas que também não reduza a análise a procedimentos mecânicos. A intenção é criar condições para que o pesquisador iniciante aprenda a perguntar aos dados, identificar sentidos, reconhecer categorias, confrontá-las com os referenciais estudados e construir argumentos sustentados.

O problema metodológico que orienta esta proposta pode ser sintetizado na seguinte questão: como organizar uma análise qualitativa que possibilite ao estudante relacionar dados empíricos e teoria com rigor, sem transformar essa relação em simples confirmação do referencial teórico? A partir dessa questão, o objetivo deste artigo é apresentar e discutir uma técnica de análise qualitativa por articulação teoria-prática, destacando seus fundamentos, suas etapas, suas possibilidades formativas e instrumentos de aplicação.

Além de apresentar o procedimento, o texto procura explicitar uma distinção importante entre duas formas de relacionar teoria e dados: o cruzamento e o diálogo. A primeira oferece maior segurança para a organização inicial da análise; a segunda amplia a abertura interpretativa e permite que os dados também interpelam a teoria. A proposta defendida é que essas duas dimensões não precisam ser vistas como excludentes. Ao contrário, podem constituir momentos articulados de um mesmo processo investigativo.

2 Apresentação da técnica

Esta técnica foi pensada especialmente para estudantes do Ensino Médio, visando sua aplicação em atividades de pesquisa como Projetos de Conclusão de Curso Técnico (PCCT), Iniciação Científica Júnior, feiras escolares, trabalhos integradores e relatórios temáticos. Considerando o entendimento de Galliano (1986, p. 6) sobre técnica como “modo de fazer de forma mais hábil, mais segura, mais perfeita algum tipo de atividade, arte ou ofício”, o objetivo deste texto é oferecer uma estrutura prática, acessível e cientificamente coerente de análise qualitativa, com instrumentação específica, adequada e simplificada, articulando teoria e prática, possibilitando a cientificidade do trabalho acadêmico de abordagem qualitativa.

Ao propor uma leitura crítica da realidade com base na teoria, a técnica promove o desenvolvimento de competências como interpretação, argumentação e produção de conhecimento. Nesse caso, a análise pode ser fundamentada tanto na comparação quanto no diálogo entre os dados coletados em campo e os aportes teóricos previamente estudados, permitindo a identificação de convergências, divergências, complementaridades e tensões.

Esta técnica considera que a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos em profundidade, levando em conta o contexto e a subjetividade dos sujeitos envolvidos. Por isso, o

dado não é compreendido como uma informação isolada, mas como elemento que ganha sentido quando situado no problema investigado, no contexto da pesquisa e na relação com os referenciais teóricos que orientam o pesquisador.

3 Fundamentação científica

A técnica de análise por articulação teoria-prática atende plenamente aos princípios da pesquisa qualitativa, especialmente no contexto da educação básica. Trata-se de um procedimento interpretativo baseado em três pilares:

- Articulação crítica entre dados e teoria: garante que a análise se apoia em autores e conceitos reconhecidos.
- Transparência metodológica: permite compreensão, revisão e replicação da análise.
- Adequação formativa e ética: respeita o nível dos estudantes do Ensino Médio e promove o pensamento científico com rigor.

A técnica inspira-se em abordagens metodológicas consagradas como:

- Análise de conteúdo (Bardin, 2016).
- Pesquisa Social (Minayo, 2007).
- Abordagem dialógica (Freire, 2011; Vigotski, 2001; Gadamer, 2012; Spink, 2013).

Essas influências permitem uma leitura crítica dos dados com base em categorias prévias ou emergentes, estimulando a produção de conhecimento novo a partir da relação entre o vivido e o pensado. A articulação entre essas perspectivas não significa transformar a técnica em uma síntese indistinta de diferentes métodos. Significa reconhecer que o procedimento proposto pode dialogar com tradições metodológicas consolidadas, apropriando-se de princípios que contribuam para uma análise mais rigorosa, transparente e formativa.

3.1 Caminhos para relacionar teoria e dados na análise qualitativa: cruzamento ou diálogo?

Ao abordar a articulação entre teoria e prática em pesquisas qualitativas, especialmente no contexto da educação básica, é necessário estabelecer uma diferenciação conceitual e metodológica entre dois modos possíveis de análise: a análise por cruzamento entre dados empíricos e teoria e a análise por diálogo entre dados empíricos e teoria. Embora ambas as estratégias tenham por finalidade interpretar os dados à luz de referenciais teóricos, elas se distinguem pela forma como concebem a relação entre o vivido (empíria) e o pensado (teoria).

Essa compreensão da análise como movimento de identificação e interpretação das

relações encontra respaldo em Vigotski (2001), para quem “A tarefa da análise é revelar essas relações. Nesse sentido, a análise científica real difere radicalmente da análise introspectiva subjetiva, que pela sua natureza não pode esperar ir além da pura descrição” (p. 83). A afirmação é particularmente pertinente à proposta aqui apresentada, uma vez que a articulação teoria-prática não pretende apenas descrever os dados empíricos, mas revelar as relações que podem ser estabelecidas entre aquilo que emerge da realidade investigada e os referenciais teóricos mobilizados pelo pesquisador.

3.1.1 Análise por cruzamento entre dados empíricos e teoria

O termo cruzamento remete a uma operação metodológica de comparação e verificação mútua entre os dados empíricos coletados e os conceitos ou categorias analíticas oriundos da teoria. Trata-se de uma abordagem analítico-validante, na qual se busca verificar se os dados corroboram ou refutam o referencial teórico previamente adotado, ou vice-versa. Nesta perspectiva, a teoria costuma anteceder a empiria em termos de hierarquia analítica. O pesquisador parte de um arcabouço teórico estruturado que orienta a coleta e análise dos dados, e os elementos empíricos são, então, organizados e interpretados à luz dessas categorias teóricas.

A ênfase recai sobre o encaixe entre teoria e dados, permitindo ao pesquisador confirmar, complementar ou eventualmente tensionar a teoria com base nas evidências empíricas. Do ponto de vista metodológico, esta forma de análise tende a utilizar categorias pré-definidas (a priori), ainda que possa incorporar categorias emergentes. A análise por cruzamento é frequentemente encontrada em abordagens como a análise de conteúdo segundo Bardin (2016), especialmente quando orientada por referenciais teóricos já consolidados. Nas palavras de Bernard Berelson (1952) citado por Bardin (2016, p. 24): “A análise de conteúdo é uma técnica que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

No âmbito específico da análise por cruzamento, o que importa é que o material empírico seja submetido a critérios de leitura explicitados e relacionados ao referencial que serve de guia à análise. O procedimento oferece segurança ao pesquisador iniciante, porque torna visível o caminho percorrido entre categoria, dado e interpretação.

Embora rigorosa e sistemática, essa abordagem pode, por vezes, reduzir a complexidade e a polissemia dos dados empíricos, forçando-os a caber dentro das molduras conceituais disponíveis, o que compromete, em certa medida, a escuta epistemológica do campo. Essa limitação não invalida o cruzamento. Ao contrário, indica a necessidade de uma postura crítica

capaz de reconhecer quando o dado exige uma interpretação que ultrapasse a categoria inicialmente escolhida.

3.1.2 Análise por diálogo entre dados empíricos e teoria

Diferente da análise por cruzamento, a análise por diálogo propõe uma relação mais simétrica, interativa e processual entre teoria e empiria. A metáfora do diálogo remete a um processo de construção mútua de sentidos, no qual nem os dados empíricos nem os referenciais teóricos detêm, de antemão, uma autoridade absoluta. Essa perspectiva de análise se ancora em uma epistemologia mais aberta e compreensiva, frequentemente influenciada por autores como Hans-Georg Gadamer (2012), Mary Jane Spink (2013) e Paulo Freire (2011), entre outros que reconhecem o conhecimento como construção situada, histórica e relacional.

Essa dimensão histórica é importante porque os fenômenos investigados não podem ser compreendidos como realidades estáticas ou isoladas das condições em que se produzem. Como afirma Vigotski (2001, p. 85), “Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança”. Na análise qualitativa por articulação teoria-prática, essa compreensão implica considerar os dados em seu contexto de produção e reconhecer que os sentidos atribuídos pelos sujeitos também se constituem e se transformam historicamente.

Na hermenêutica filosófica de Gadamer (2012), o diálogo é compreendido como um processo de fusão de horizontes, em que o intérprete e o texto (ou, no caso da pesquisa, os dados empíricos) se encontram em uma relação de escuta mútua. O sentido não é pré-existente nem unilateralmente imposto; ele emerge da interação entre os mundos de quem interpreta e do que é interpretado. Nesse processo, saber perguntar antecede ao saber interpretar. Como afirma este autor: “Não se fazem experiências sem a atividade do perguntar” (p. 473).

Transposta para a análise qualitativa, essa perspectiva implica considerar que os dados não apenas ilustram a teoria, mas também a questionam, complementam e, por vezes, a redimensionam. O pesquisador, nesse processo, abandona a pretensão de neutralidade absoluta e se engaja como parte da construção do sentido.

Já em Spink (2013), que atua no campo da psicologia social crítica, o diálogo ganha contornos discursivos e cotidianos. A autora defende que os sentidos são produzidos nas práticas discursivas situadas, sendo, portanto, múltiplos, contextuais e mutáveis, como ela mesma diz:

Usualmente, é pela ruptura com o habitual que se torna possível dar visibilidade aos sentidos. É essa, precisamente, uma das estratégias centrais da pesquisa social. Por exemplo, numa entrevista, as perguntas tendem a focalizar um ou mais temas que, para os entrevistados, talvez nunca tenham sido alvo de reflexões, podendo gerar práticas discursivas diversas, não diretamente associadas ao tema originalmente proposto.

Esta citação oferece uma contribuição valiosa para a compreensão da pesquisa qualitativa, especialmente aquela de base interpretativa e crítica. Ao afirmar que é pela ruptura com o habitual que se torna possível dar visibilidade aos sentidos, Spink chama atenção para um dos princípios fundantes da pesquisa social: o estranhamento do cotidiano como forma de acessar camadas mais profundas da realidade.

Em nossas rotinas, muitas ações, comportamentos e discursos passam despercebidos por estarem naturalizados. A pesquisa qualitativa, ao interrogar esses elementos aparentemente banais, interrompe o fluxo automático da vida social e convida os sujeitos à reflexão sobre suas próprias práticas, experiências e significados. Nesse processo, como destaca Spink, a entrevista deixa de ser um simples instrumento de extração de informações e se transforma em um espaço de produção de sentidos, em que o sujeito entrevistado muitas vezes acessa pensamentos e interpretações que não havia elaborado anteriormente.

É por isso que a autora enfatiza que os participantes podem responder a partir de práticas discursivas diversas, nem sempre previstas ou diretamente associadas ao tema proposto. Esse caráter de abertura, imprevisibilidade e coautoria do discurso é justamente o que confere potência à abordagem qualitativa: os dados não são simplesmente “dados”, mas sentidos co-construídos na interação entre pesquisador e participante.

Essa concepção rompe com modelos tradicionais de pesquisa que tratam os sujeitos como fontes passivas de dados. Em vez disso, a pesquisa é vista como um ato dialógico e político, no qual se convidam os participantes à produção de sentido, reconhecendo-os como produtores legítimos de conhecimento. A escuta se torna ativa e ética, e o pesquisador precisa estar preparado não apenas para acolher a diversidade dos discursos, mas também para negociar sentidos, lidar com contradições e estar aberto ao inusitado.

Essa postura dialoga com autores como Paulo Freire e Gadamer, que também entendem o conhecimento como fruto do encontro entre consciências e da abertura à alteridade. No caso de Spink, essa reflexão é especialmente fecunda no campo da psicologia social crítica, onde os discursos são compreendidos como práticas situadas, historicamente constituídas e atravessadas por relações de poder.

Esse entendimento revela que fazer pesquisa social qualitativa não é simplesmente levantar dados, mas intervir simbolicamente no real, provocando deslocamentos de sentido que

podem transformar tanto o pesquisador quanto os pesquisados. Essa dimensão formativa e transformadora da pesquisa é central para uma ciência comprometida com a escuta, com o diálogo e com a emancipação.

A análise qualitativa, nesse sentido, exige do pesquisador a capacidade de identificar os processos de significação em jogo nos discursos coletados e de se implicar na interpretação desses sentidos, sem buscar verdades universais, mas compreensões localizadas e politicamente implicadas.

Em consonância com essas perspectivas, Paulo Freire (2011) propõe uma concepção de diálogo como prática horizontal entre sujeitos que reconhecem mutuamente sua dignidade e sua capacidade de produzir conhecimento. O diálogo freireano não se resume a um método pedagógico, mas expressa uma atitude ética e política, que nega a verticalidade autoritária e sustenta a construção coletiva do saber. Nas palavras do autor: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história.”(Freire, 2011, p. 133).

Ao aplicar essa visão à análise qualitativa, o pesquisador assume uma postura de humildade epistemológica, escutando os dados como vozes legítimas, capazes de provocar a teoria, tensioná-la e, por vezes, superá-la. Nessa chave freireana, o dado empírico não é um objeto passivo de análise, mas um interlocutor que participa ativamente da produção do conhecimento.

Assim, Gadamer, Spink e Freire convergem na valorização do diálogo como meio e fim da compreensão: um processo inacabado, crítico, situado e aberto à transformação recíproca entre sujeito, objeto e teoria.

Minayo reforça essa compreensão ao defender uma concepção de cientificidade que não pode ser reduzida à reprodução de modelos fixos. A autora afirma que a cientificidade deve ser pensada como uma ideia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos.

O labor científico caminha sempre em duas direções: numa elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, retifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, revestem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído. (MINAYO, 2007, p. 11-12).

Esta citação de Maria Cecília Minayo revela, com grande sensibilidade epistemológica, a natureza dinâmica, coletiva e historicamente situada da ciência. Longe de ser uma atividade

neutra ou linear, o trabalho científico é apresentado como um processo de construção contínua, marcado por avanços, recuos, correções e reinvenções. Ao enfatizar que a ciência “caminha sempre em duas direções”, Minayo distingue, de um lado, a dimensão normativa e sistemática do fazer científico, em que se elaboram teorias, métodos e se obtêm resultados e, de outro, o movimento crítico e criativo que leva os cientistas e pesquisadores a repensar rumos, abandonar certezas e inventar novos caminhos.

Essa concepção vai ao encontro de uma visão não dogmática da ciência, que reconhece sua condição inacabada e provisória, como também defendida por autores como Gaston Bachelard e Paulo Freire. Minayo nos convida a compreender que o conhecimento não é um espelho fiel da realidade, mas uma produção situada historicamente, construída por sujeitos em diálogo com o mundo, com outros pesquisadores e com os próprios limites de suas teorias.

Além disso, a autora destaca valores fundamentais da prática científica, como a colaboração, que rompe com a ideia de ciência como ato solitário, e a humildade epistemológica, virtude essencial para quem compreende que nenhum saber é definitivo. Esse reconhecimento do caráter aproximativo do conhecimento científico é o que permite à ciência permanecer aberta à crítica, à escuta e à reconstrução constante.

No contexto da pesquisa qualitativa e, especialmente, da formação científica de estudantes da educação básica, essa visão é extremamente formativa. Ela ensina que pesquisar é um ato de construção, em que o erro não é fracasso, mas possibilidade de reorientação; que os métodos são instrumentos a serviço da compreensão, e não trilhos fixos; e que toda análise exige diálogo com a teoria, com os dados, com os sujeitos da pesquisa e com a própria consciência investigativa do pesquisador.

Assim, a citação de Minayo constitui não apenas uma descrição do fazer científico, mas uma verdadeira proposição ética e pedagógica, que orienta o pesquisador a praticar a ciência como atividade rigorosa, crítica, reflexiva e comprometida com a complexidade do real.

Do ponto de vista metodológico, esta abordagem valoriza a emergência de sentidos, o movimento hermenêutico e a escuta ativa da alteridade presente nos dados. As categorias analíticas podem ser construídas no curso da análise (indutivamente), em uma lógica mais aberta e reflexiva. O pesquisador, nesse processo, se coloca também como sujeito dialógico, afetado e transformado pela experiência de análise.

A análise por diálogo é particularmente fecunda em estudos de inspiração fenomenológica, hermenêutica ou crítico-dialógica, nos quais o sentido não está dado previamente, mas emerge no percurso interpretativo entre o vivido (empíria) e o pensado (teoria).

A distinção entre estas duas perspectivas de análise tem implicações relevantes para a prática pedagógica de orientação de pesquisas no Ensino Médio. Ao adotar o modelo do diálogo, fomenta-se uma postura mais crítica e autônoma por parte dos estudantes, permitindo que o processo de análise extrapole a simples confirmação da teoria e contribua para a produção de conhecimento novo. Já o modelo de cruzamento oferece maior segurança metodológica para iniciantes, por organizar de forma clara os passos analíticos e garantir a fundamentação teórica de modo mais explícito. O quadro a seguir sintetiza as diferenças entre as duas abordagens.

Quadro 1 – Comparativo da análise por cruzamento e por diálogo entre dados e teoria

Aspecto da teoria	Cruzamento entre dados e teoria	Diálogo entre dados e teoria
Relação epistemológica	Assimétrica, teoria orienta a leitura dos dados.	Simétrica, teoria e dados se interpelam mutuamente.
Objetivo principal	Verificar aderência entre dados e teoria.	Produzir sentidos novos a partir da tensão.
Categorias analíticas	Majoritariamente a priori.	Predominantemente emergentes.
Lógica metodológica	Dedutiva ou dedutivo-indutivo.	Indutiva ou hermenêutica.
Postura do pesquisador	Interpretador técnico.	Sujeito dialógico e reflexivo.
Risco analítico	Forçar o encaixe dos dados à teoria.	Perder foco teórico se não houver rigor.

Fonte: Elaboração do autor/2026

Em síntese, ambas as estratégias de análise são válidas e podem ser utilizadas de maneira articulada, dependendo dos objetivos da pesquisa, do nível formativo dos estudantes e da complexidade do fenômeno estudado. A presente técnica de análise qualitativa por confrontação propõe inicialmente o cruzamento orientado e evolui, sempre que possível, para o diálogo crítico entre teoria e dados, a fim de promover uma compreensão mais profunda e autoral da realidade investigada.

4 Metodologia da proposta

Este artigo caracteriza-se como uma proposta teórico-metodológica de abordagem qualitativa, construída a partir da sistematização de fundamentos e procedimentos destinados à análise de dados empíricos em pesquisas desenvolvidas, especialmente, no contexto da educação básica. Não se trata de uma pesquisa empírica com participantes próprios, mas de uma elaboração metodológica que reúne e organiza contribuições da análise de conteúdo, da pesquisa qualitativa, da hermenêutica e das perspectivas dialógicas.

A construção da técnica parte de três movimentos articulados. O primeiro consiste na compreensão do tema e do problema investigado e no estudo dos referenciais que poderão orientar a análise. O segundo corresponde à organização dos dados empíricos, sua leitura, releitura e categorização. O terceiro consiste na articulação propriamente dita, quando as

categorias são colocadas em relação com a teoria para identificar convergências, divergências, complementaridades, contradições e possíveis elementos novos.

Essa compreensão do método como construção articulada ao próprio processo investigativo aproxima-se da perspectiva de Vigotski (2001, p. 86), para quem “o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo”. A afirmação contribui para compreender que as etapas aqui propostas não constituem um roteiro rígido a ser aplicado mecanicamente, mas instrumentos de orientação que ganham sentido no próprio desenvolvimento da investigação. Assim, embora a técnica ofereça uma estrutura inicial para organizar a análise, sua aplicação deve permanecer aberta às características do problema, aos dados produzidos e às interpretações que emergem durante o processo.

A transparência do procedimento constitui princípio central. Cada etapa deve produzir um registro que permita ao estudante, ao orientador e, quando pertinente, a outros leitores compreenderem como se passou da coleta à interpretação. Dessa maneira, a técnica não pretende estabelecer um roteiro rígido e universal, mas oferecer um caminho de organização metodológica que possa ser adaptado à especificidade de cada pesquisa.

5 Etapas do método

A técnica de análise qualitativa proposta neste material é composta por cinco etapas principais. Essas etapas foram organizadas para facilitar a compreensão e a aplicação prática por estudantes do Ensino Médio, mesmo que estejam realizando sua primeira experiência com pesquisa. Cada etapa contribui para a construção de uma análise consistente, crítica e cientificamente fundamentada.

5.1 Primeira etapa: leitura e compreensão do tema/problema

Antes de iniciar a coleta de dados, é fundamental que o estudante compreenda bem o tema que deseja investigar. Isso significa estudar os principais conceitos, autores e debates relacionados ao assunto. Nessa fase, recomenda-se a leitura de livros, artigos científicos, dissertações, teses, textos confiáveis da internet, reportagens e outros materiais que ajudem a entender melhor o problema de pesquisa.

Produto: fichas de leitura com palavras-chave, citações importantes e resumos explicativos.

5.2 Segunda etapa: coleta de dados empíricos

Com base no problema definido e na fundamentação teórica inicial, o estudante deve

realizar a coleta de dados diretamente com os participantes da pesquisa. Essa coleta pode ocorrer por meio de entrevistas abertas, questionários com perguntas dissertativas, observações ou relatos orais, roda de conversa. O mais importante é garantir que os dados representem a realidade, a percepção ou a experiência dos sujeitos envolvidos.

Produto: registros organizados, por escrito ou digitalmente, respeitando o anonimato e o consentimento dos participantes.

5.3 Terceira etapa: organização e categorização dos dados

Após a coleta, é hora de organizar os dados para torná-los compreensíveis e analisáveis. O estudante/pesquisador deve ler e reler todas as respostas, falas ou observações e identificar ideias que se repetem ou que se destacam. Essas ideias podem ser agrupadas em categorias temáticas, ou seja, em conjuntos de significados que ajudam a entender o fenômeno estudado.

Produto: quadro com categorias temáticas acompanhadas de trechos ilustrativos extraídos dos dados coletados.

5.4 Quarta etapa: articulação entre dados e teoria

Esta é a etapa central da análise qualitativa. Aqui, o estudante deve relacionar as categorias identificadas com as ideias e conceitos estudados na teoria. É importante verificar se os dados confirmam, contradizem, complementam ou tensionam o que os autores dizem. Essa comparação pode ser feita de forma mais técnica, pelo cruzamento, ou mais interpretativa, pelo diálogo, conforme discutido anteriormente neste material.

Produto: parágrafos analíticos bem argumentados, que explicam o que os dados revelam à luz da teoria.

5.5 Quinta etapa: síntese e redação dos resultados

Na etapa final, o estudante deve organizar tudo o que foi analisado e apresentar os principais achados de forma clara. É importante retomar o problema de pesquisa e mostrar como os dados e a teoria contribuíram para respondê-lo. Também podem ser indicadas limitações do estudo e sugestões para outras pesquisas ou ações práticas.

Produto: síntese dos achados, organizada na forma de resultados e discussão ou relatório final, conforme a modalidade do trabalho.

6 Modelos de aplicação

Para facilitar o uso da técnica de análise qualitativa teoria-prática, apresentamos nesta

seção dois modelos que podem ser adaptados pelos estudantes em seus projetos: (1) modelo de tabela de análise e (2) modelo de estrutura de relatório. Esses modelos têm como objetivo orientar a organização das informações e promover maior clareza na apresentação dos resultados.

6.1 Modelo de tabela de análise

A tabela de análise é uma ferramenta prática que permite visualizar a relação entre os dados coletados, as categorias identificadas, os referenciais teóricos utilizados e a interpretação crítica do pesquisador. Essa tabela ajuda o estudante a sistematizar as informações e facilita a escrita da seção de resultados.

Quadro 2 – Tabela de análise

Categoria Temática	Trechos dos Dados	Teoria Relacionada	Análise/Comentário
Falta de motivação	“Eu não gosto muito de estudar porque acho as aulas chatas.”	Freire (1996): falta de sentido nas aulas gera desinteresse.	A fala confirma Freire. O desinteresse se relaciona à forma de apresentação do conteúdo.
Importância do diálogo	“Quando o professor conversa com a gente, eu entendo melhor.”	Vygotsky (2001): aprendizagem ocorre na interação social.	A interação é fundamental para o aprendizado, como previsto por Vygotsky.

Fonte: Elaboração do autor/2026.

Essa tabela pode ser ajustada de acordo com o número de categorias, a complexidade dos dados e os objetivos do trabalho.

6.2 Estrutura e descritores do relatório

Para organizar o relatório final da pesquisa, sugerimos a seguinte estrutura, que pode ser adaptada conforme as exigências da instituição ou do projeto em desenvolvimento: 1 Título (exemplificativo): Desafios para o Estudo no Ensino Médio: A Visão dos Alunos do IFAM – Campus Lábrea.

2 Autoria (nome (s) e filiação do(s) autor/a(s).

3 Introdução: Apresenta o tema, o problema de pesquisa, a justificativa, os objetivos e a relevância do estudo.

4 Fundamentação Teórica: Descreve os principais autores e conceitos utilizados na análise. Pode incluir um quadro resumo com os conceitos-chave de cada autor citado. 5 Metodologia: Explicita a classificação da pesquisa quanto à natureza (básica ou aplicada), à abordagem (neste caso, qualitativa), aos objetivos (exploratória, descritiva, explicativa), aos procedimentos (bibliográfica, documental, levantamento de campo, etc); descreve o contexto (local) e o recorte temporal da pesquisa; informa sobre os sujeitos/participantes da investigação e critérios de

inclusão/exclusão; indica o(s) instrumento (s) de coleta de dados (entrevistas, questionários, rodas de conversa etc.) e a forma como os dados serão coletados, e o método de análise utilizado (articulação teoria-prática).

6 Resultados e Discussão: Apresenta as categorias de análise (categorias temáticas), trechos ilustrativos dos dados (falas dos participantes), e estabelece a análise por articulação e/ou dialógica entre os dados empíricos e a teoria relacionada. É possível usar a tabela de análise para auxiliar essa parte.

7 Considerações finais ou conclusões: Têm por finalidade sintetizar, de forma articulada e analítica, os principais achados da pesquisa, retomando o problema investigado, os objetivos propostos e os resultados alcançados. O primeiro parágrafo das considerações finais deve retomar explicitamente o problema de pesquisa e o objetivo geral, apresentando uma síntese clara e integrada dos principais resultados obtidos. O segundo parágrafo deve discutir as contribuições acadêmicas do estudo, indicando como a pesquisa amplia, aprofunda ou problematiza o conhecimento existente na área. O terceiro parágrafo deve apresentar as contribuições sociais, institucionais ou profissionais da pesquisa, quando aplicável. Esse parágrafo deve explicitar de que forma os resultados podem subsidiar práticas, políticas, tomadas de decisão ou reflexões críticas em contextos concretos relacionados ao objeto estudado. O quarto parágrafo deve reconhecer, de maneira crítica e reflexiva, as principais limitações do estudo, relacionadas a aspectos metodológicos, amostrais, contextuais ou analíticos. O quinto e último parágrafo deve recomendar pesquisas mais amplas, aprofundadas e em outros contextos como possibilidade de caminhos para o avanço do conhecimento científico.

8 Referências: Elaborar a lista de referências de todos os autores e respectivas obras citados no corpo do relatório. A consistência entre citações no texto e referências finais é obrigatória. Os nomes dos autores, anos de publicação e grafia devem coincidir exatamente entre o corpo do relatório e a lista de referências. Inconsistências configuram falha metodológica grave segundo os critérios da ABNT e dos periódicos científicos.

6.2.1 Quadro de autores e conceitos fundamentais

O quadro 3 de autores e conceitos fundamentais tem a função de sistematizar os principais referenciais teóricos que sustentam a análise da pesquisa, permitindo ao estudante visualizar, de forma sintética, os conceitos que poderão ser mobilizados na interpretação dos dados. Sua utilização não significa que os conceitos devam ser aplicados de maneira mecânica ou que todos os autores precisam necessariamente aparecer na análise. Trata-se de um instrumento de

orientação, destinado a facilitar a identificação das possíveis relações entre o que foi estudado na fundamentação teórica e aquilo que emerge dos dados empíricos. Desse modo, o quadro funciona como uma espécie de mapa teórico inicial, que auxilia o pesquisador a localizar os conceitos pertinentes durante a confrontação entre teoria e prática, sem impedir que novos conceitos ou categorias surjam no decorrer do processo analítico.

Quadro 3 – Autores e conceitos fundamentais

Autor	Conceitos-chave
Paulo Freire	Educação como prática da liberdade; diálogo; consciência crítica.
Lev Vygotsky	Mediação; interação social; zona de desenvolvimento proximal.
Bernard Charlot	Relação com o saber; sentido do estudo; experiência escolar.
Marcos Bagno	Preconceito linguístico; variação da linguagem; inclusão.
Maria Cecília Minayo	Análise temática; pesquisa qualitativa em saúde e educação.

6.2.2 Perguntas orientadoras para a análise

As perguntas orientadoras têm a função de auxiliar o pesquisador no movimento interpretativo entre os dados empíricos e os referenciais teóricos. Elas não constituem um questionário rígido nem precisam ser respondidas isoladamente no texto final da pesquisa. Funcionam como questões de apoio para estimular a reflexão sobre os sentidos presentes nos dados, verificar as relações possíveis com a teoria e identificar convergências, contradições, complementaridades ou elementos que não haviam sido previstos inicialmente. Dessa forma, as perguntas contribuem para evitar que a análise se limite à descrição das respostas dos participantes ou à simples reprodução de conceitos teóricos, favorecendo uma interpretação mais crítica e argumentativa.

- O que os dados revelam sobre o tema ou problema?
- Como a teoria contribui para entender essas falas ou comportamentos?
- Os dados confirmam ou contradizem a teoria?
- Os dados trazem algo novo à luz da teoria?
- Que interpretações surgem do confronto teoria-prática?

6.2.3 Sugestão de critérios para avaliação da análise

Os critérios apresentados a seguir (quadro 4) têm a finalidade de oferecer parâmetros para avaliar a qualidade da análise realizada. Não se trata de uma escala rígida de julgamento, mas de um instrumento de acompanhamento que pode ser utilizado pelo próprio pesquisador, pelo professor orientador ou por outros avaliadores. Os critérios contemplam aspectos essenciais do processo analítico, como a clareza das categorias, a pertinência dos dados selecionados, a articulação com a teoria, a qualidade da argumentação e a adequação da escrita científica. Seu

propósito é verificar não apenas se o estudante realizou a análise, mas se conseguiu construir uma relação coerente e fundamentada entre os dados empíricos, os referenciais teóricos e a interpretação produzida.

Quadro 4 – Critérios para avaliação de análise

Critério	Descrição
Clareza da categoria	A categoria foi bem definida e delimitada?
Pertinência dos dados	Os dados são relevantes e ilustram bem a categoria escolhida?
Articulação com a teoria	A teoria foi corretamente relacionada aos dados empíricos?
Qualidade argumentativa	A análise demonstra raciocínio crítico e boa fundamentação?
Apresentação escrita	O texto é claro, coeso, coerente e adequado cientificamente e linguisticamente?

Fonte: Elaboração do autor/2026.

7 Discussão: contribuições formativas da articulação

A proposta de articulação teoria-prática apresenta uma contribuição que ultrapassa a dimensão operacional da análise. Ao ensinar o estudante a colocar dados e teoria em relação, o procedimento também ensina uma determinada maneira de pensar cientificamente. O pesquisador aprende que não basta localizar uma fala que parece confirmar um autor. É necessário explicar a relação estabelecida, justificar a interpretação e considerar também os elementos que resistem à explicação inicialmente escolhida.

Nesse sentido, a articulação pode ser compreendida como uma prática de argumentação científica. O estudante passa da descrição para a interpretação e da interpretação para a construção de uma posição fundamentada. A pergunta “o que os dados mostram?” é ampliada por outras perguntas: “como sei disso?”, “qual conceito ajuda a compreender?”, “há algo que a teoria não explica?” e “o que o dado acrescenta ao que já foi estudado?”. Esse movimento favorece a autonomia intelectual e a formação de uma atitude investigativa.

Há também uma dimensão ética. Quando o pesquisador se dispõe a ouvir os dados e reconhecer a possibilidade de que eles contrariam suas expectativas, reduz-se o risco de manipulação interpretativa. A análise passa a exigir humildade epistemológica, coerência argumentativa e respeito aos sujeitos e ao contexto da pesquisa. Nesse aspecto, a técnica se aproxima das contribuições de Freire, Gadamer, Spink e Minayo já discutidas, nas quais o conhecimento aparece como processo aberto à relação, à crítica e à revisão.

Para estudantes do Ensino Médio, essa dimensão é particularmente importante. O primeiro contato com a pesquisa pode ser marcado pela tendência a procurar uma resposta pronta ou a utilizar a teoria apenas como ornamentação do texto. A confrontação desloca essa lógica ao colocar a relação entre teoria e dados no centro da escrita analítica. O referencial teórico deixa de ser um conjunto de citações isoladas e passa a cumprir função interpretativa.

Por isso, a técnica pode ser compreendida simultaneamente como procedimento de análise e como instrumento pedagógico de iniciação científica. Seu valor não está apenas no produto final, mas no processo de aprendizagem que ocorre enquanto o estudante lê, pergunta, compara, confronta, interpreta, argumenta e escreve.

8 Considerações finais

A análise qualitativa por articulação teoria-prática foi apresentada neste artigo como uma possibilidade metodológica para tornar mais clara, sistemática e formativa a relação entre dados empíricos e referenciais teóricos. Sua principal contribuição está em transformar essa relação em uma operação explícita da pesquisa, evitando tanto a descrição isolada dos dados quanto a aplicação mecânica da teoria.

A distinção entre cruzamento e diálogo permite compreender que diferentes níveis de articulação podem ser necessários em uma mesma investigação. Para pesquisadores iniciantes, o cruzamento oferece maior segurança na organização das categorias e na fundamentação da análise. O diálogo, por sua vez, amplia a abertura interpretativa e permite que os dados questionem, complementam ou redimensionam os referenciais previamente estudados.

No contexto da formação científica de estudantes do Ensino Médio, essa articulação possui também uma dimensão pedagógica. Aprender a confrontar dados e teoria significa aprender a interpretar, argumentar, questionar e produzir conhecimento, superando a ideia de que pesquisar consiste apenas em reunir informações. As cinco etapas propostas procuram oferecer um caminho compreensível, transparente e progressivamente mais autônomo para esse processo.

Por fim, a técnica não pretende substituir outras metodologias de análise qualitativa. Sua intenção é oferecer uma estratégia de organização e reflexão que possa dialogar com diferentes abordagens, conforme o problema, os dados e o nível de formação do pesquisador. Seu rigor depende, sobretudo, da explicitação das escolhas, da coerência entre problema, teoria, dados e interpretação e da disposição para reconhecer os limites de qualquer construção científica.

Os modelos apresentados têm como objetivo orientar o estudante e torná-lo mais seguro durante o processo de análise e redação. No entanto, cada projeto pode e deve ser adaptado conforme sua especificidade, sempre com o apoio do professor orientador.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. - Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. - São Paulo: Edições 70, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer; Ênio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. v. I.

GALLIANO, Guilherme A. **O método científico**: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 25. ed. São Paulo: Vozes, 2007.

SPINK, Mary Jane Paris. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. In: SPINK, M. J. P. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. Edição virtual. Disponível em:

http://www.bvce.org.br/DownloadArquivo.asp?Arquivo=SPINK_Praticas_discursivas_e_producao_FINAL_CAPA_NOVAc.pdf. Acesso em: 13 set. 2026.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2001.